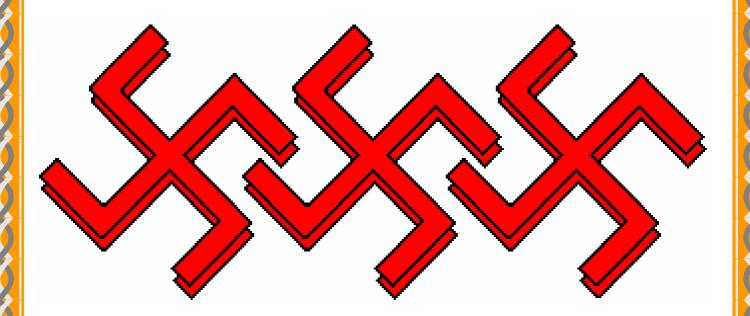
Biblioteca
Virtualbooks

A GUERRA DE MICHAEL POLSTER

Vasco Ribeiro

****

**Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks.**

A VirtualBooks gostaria de receber suas críticas e sugestões sobre suas edições. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

Sobre os Direitos Autorais:
Fazemos o possível para certificarmo-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se alguém suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: vbooks03@terra.com.br para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.

www.virtualbooks.com.br

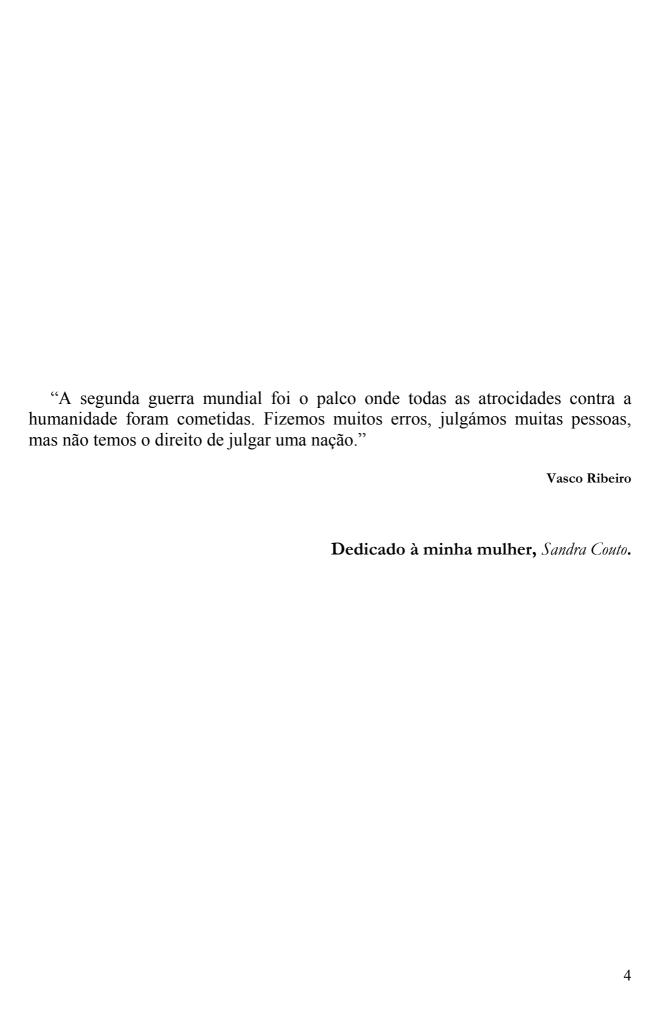
Virtual Books Online M&M Editores Ltda.
Rua Benedito Valadares, 429 – centro
35660-000 Pará de Minas - MG

****

Vasco Ribeiro

"A segunda guerra mundial foi o palco onde todas as atrocidades contra a humanidade foram cometidas. Fizemos muitos erros, julgámos muitas pessoas, mas não temos o direito de julgar uma nação."

Vasco Ribeiro

Dedicado à minha mulher, *Sandra Couto***.**

Capítulo 1

"Salzburgo"

Estávamos em 1938 e o mundo começava aos poucos, a conhecer a grande ameaça Nazi. Vivia, nesse tempo, em Salzburgo, uma cidade austríaca onde tudo era simples e pacato. Estávamos em pleno verão, um verão que seria curto mas com umas temperaturas muito agradáveis. As manhãs frescas faziam com que as pessoas se levantassem para trabalhar nos campos verdes de Salzburgo. Numa manhã de verão comecei por ver na linha do horizonte uma nuvem de pó denso que se aproximava a passos largos de minha casa. Era acompanhada por um chocalhar metálico que me fazia quase tapar os ouvidos. Um som mortífero, mas ao mesmo tempo magnânimo.

Pareciam centenas, talvez milhares de tanques, todos com a cruz suástica impressas nos flancos. Num barulho ensurdecedor, um dos soldados ergueu-se do tanque e com os olhos tenebrosos, com sede de vingança, olhou para mim e esticou o seu braço direito, levantando um pouco a cabeça. Eu estava à porta do celeiro do meu pai. Fixei os seus olhos e só os deixei de contemplar quando já não o avistava, bem para lá dos Alpes de Salzburgo. Por momentos nunca pensei o que estaria para acontecer, algo que jamais me esquecerei e que mostrou ao mundo a parte mais tenebrosa do Homem, o repúdio por um semelhante.

Tinha-me formado em Matemática na Universidade de Viena e já exercia funções numa escola em Salzburgo. Nessa tarde, quando cheguei à minha aula todos os alunos, apavorados, perguntaram-me o que se tinha passado nessa manhã. O que faziam os Alemães na Áustria? Lembro-me que os acalmei, pois tinha ouvido dizer que eles eram aliados da nossa querida Nação.

Todos os dias chegavam mais tropas Alemãs. Gostava de olhar para eles. As suas fardas eram algo de belo, o cinzento misturado com o prateado dos botões; a maneira

como eles desfilavam, a sua organização. Comecei a pensar que algo estava para acontecer, mas não sabia bem o quê.

Sabia que depois da primeira grande guerra, a Alemanha ficou com grandes restrições ao nível militar e económico, portando, pensei para comigo que seria um absurdo eles voltarem à guerra como espécie de vingança.

Os meus pais estavam preocupados com tudo o que estava a acontecer, a população estava agitada. Nos mercados de Salzburgo era um corrupio de boatos, onde por vezes as verdades eram ditas, talvez imperceptíveis, pois naquela altura era ridículo acreditar que a Alemanha iria anexar a Áustria.

Nunca vi tamanho ajuntamento de população no mercado. O mercado parecia um grande escritório com inúmeros compartimentos, as barracas, que vendiam de tudo um pouco até informação. Os jornais não falavam de nada e as pessoas começavam a sentir o medo. Medo esse, que se foi agravando quando no meio de nós já se encontravam alguns oficiais alemães. Todos eles, altos, loiros e com um olhar desprezível para com todos. Aquela frieza dizimava a alma de qualquer um.

Quando mais dias passavam, mais alemães fardados se encontravam entre nós.

O Verão foi efémero, como todos os anteriores, e num dos últimos dias da estação, recordo-me, vi ao entrar em casa o meu pai de cabisbaixo com a sua boina na mão, soluçando. Nunca tive muita afinidade com o meu pai. Ele sempre trabalhou na lavoura e na pastorícia de sol a sol e nunca teve tempo para mim. Não o condeno, pois ele era o sustento da nossa pequena família. Nunca me faltou nada. Mas naquele momento via-o a chorar, coisa que nunca tinha testemunhado até então. Tremi por dentro. Perguntei-lhe, ajoelhando-me perante ele:

- Que se passa pai?
- Lê isto...- Disse ele, entregando-me uma missiva com uma cruz suástica no canto superior direito.

Li com muita atenção e foi a partir desse momento que todas as minhas ilusões se esfumaram. Assinado por o chanceler Alemão Goering a missiva era curta e clara. Quem não estivesse amanha pelo meio dia na praça de Salzburgo seria preso e extraditado para a Alemanha. Poderíamos levar uma mala de roupa por pessoa e era obrigatório levar a cédula de nascimento.

A minha mãe, era uma pessoa muito forte de espírito e como tal, sem pestanejar foi fazer as malas. Existia um ambiente pesado na nossa casa, tal como em todo Salzburgo. O meu pai só sabia dizer que íamos perder tudo e que aqueles cabrões voltariam a pôr a Terra cheia de sangue.

O Almoço realizou-se num silêncio ensurdecedor. Quando me dirigi para a escola, vi muitas crianças de mochilas às costas no sentido contrário ao meu percurso. Perguntei a algumas delas, porque não iam para a escola. Responderam-me rapidamente que as portas da escola estavam encerradas, tal como o mercado. Continuei o meu percurso até à escola. Vi com os meus próprios olhos o grande portão da entrada fechado com uma corrente grossa e com um cadeado. Vários militares estavam dentro do edifício retirando, pelo que vi, algumas secretárias. Mais à frente o mercado também sofria a sua metamorfose. Aos poucos ficava limpo, sem barracas.

Voltei para casa pensando em tudo aquilo. Nessa noite ninguém dormiu muito bem, as preocupações eram enormes. Às seis da manhã, o meu pai já visionando o futuro, foi fechar o celeiro com umas correntes de aço. Levou os animais para o monte e deixou-os por lá. Tinha consciência que poderia não voltar.

Ás 11:26 estávamos a caminho da praça, o local onde se fazia o comércio na região. Tenho uma imagem gravada na memória: As centenas de pessoas na estrada, a pé, com uma só mala dirigindo-se para o centro de Salzburgo. Todos vestidos a rigor, como quem ia à missa, onde os castanhos predominavam. Aquela peregrinação parecia um rio de lama que engolia tudo à sua passagem, onde só os gritos e o choro demonstravam alguma vida. Via as almas de pessoas indefesas serem subjugadas à prepotência nazi. Eu e os meus pais participávamos nessa descida do rio sem

podermos fazer nada. O leito era ladeado por milhares de tropas e tanques. Não existiria fuga possível.

Quando chegamos perto do mercado, vimos cerca de três mil homens armados e fardados, que quadravam a praça. Via que o espaço de comércio era realmente grande, pois nenhuma barraca estava de pé. Tudo tinha sido destruído e limpo pelos alemães que montaram o seu campo de operações mesmo em torno da praça.

Éramos milhares de pessoas naquele quadrado, cujas arestas eram formados por pequenos pontos cinzentos.

Sentei-me na minha mala e comecei a ler um pequeno livro que os nazis tinham distribuído por todos nós. Nele constavam as indicações de como proceder nesta nova situação.

Alguns populares começaram a revoltar-se, a perguntar os porquês desta situação. Muitos deles tinham ainda bem assente nas suas mentes a primeira grande guerra. Gritavam, Fascistas, a todos os tropas Nazis.

Ouvi então um som de uma espécie de altifalante. Levantei a cabeça do meu livro e contemplei um homem alto, loiro, forte e com um olhar firme. Mesmo à minha frente estava Goering, o braço direito de Hitler.

Discursou de uma maneira impetuosa, dizendo que a partir de hoje a Áustria faria parte da Alemanha, como se de um braço direito se tratasse. Disse que seriamos agora povos amigos e que era necessário uma coligação equilibrada entre Alemanha e Áustria.

Nesse momento perguntei-me, olhando para uma locomotiva que aparecia no livro: " Qual a razão de termos de sair daqui, sabendo que somos agora *amigos* ?".

A minha pergunta ficou sem resposta. Depois todos começaram aos gritos, as mulheres que choravam, as crianças que viam as suas mães desesperadas, os homens desolados e impotentes perante aqueles milhares de tropas armados até aos dentes.

Não ouvi mais nada que Goering tivesse dito. Depois desceu do estrado onde se encontrava a discursar e desapareceu rodeado de homens de altas patentes militares, num carro preto descapotável.

Posteriormente obrigaram-nos a formar duas filas imensas. De um lado os homens do outro mulheres e crianças. Vi dezenas de escrivaninhas, que me eram muito familiares, organizadas ao milímetro, em fila, numa das pontas da praça. Com as cédulas nas nossas mãos, fomos avançando. Esta situação demorou cerca de três horas. Com o tempo a decorrer muito devagar, fui chegando ao fim. Um fim que seria o princípio de um outro suposto fim.

- Como se chama? – Perguntou-me o oficial.
- Michael Polster – Respondi entregando a cédula.

Pegou na minha cédula, tirou o nome do meu pai e olhando para mim com um olhar vazio, disse-me:

- Vai para a direita.

Franzi os olhos como não percebendo o que ele queria dizer com tudo aquilo. Andei mais um pouco e vi duas novas filas, estas, agora já misturadas de homens, mulheres e crianças.

Fui para a fila da direita como me tinham ordenado. Abri de novo o livro e vi que os da direita eram judeus ou com ascendência judaica. Os da esquerda eram os Polacos, Checos e Húngaros.

Faziam partições de duzentos pessoas para se encaminharem para um comboio com vagões de madeira. Escrevi o meu nome na minha mala e entreguei a um tropa. Existia um contentor para as nossas coisas. Deixei assim a minha mala na estação improvisada em Salzburgo.

Ouvia alguns disparos ao longe. Olhava para trás à procura do meu pai e da minha mãe, com algum desespero. Estava naquela altura em que queria que os meus pais me dissessem que iria correr tudo bem.

O último calor de verão estava a tornar-se impossível de suportar. Engolia em seco, estava há muito tempo sem beber água.

Pedi um pouco de água a um tropa alemão, o qual me agrediu com a coronha da sua arma. Senti algo a estalar na minha cara, meti a mão à boca e vi que estava com sangue. Pensei logo em reagir mas sabia que seria morto. Olhei para ele, virei costas e entrei no vagão. Pensei que tudo aquilo não estava a acontecer, mas o sangue que me saí pela boca tornava tudo real.

Tentava ver os meus pais no meio daquela amalgama de pessoas, mas era impossível.

O vagão tinha cerca de trinta metros quadrados, era feito de uma madeira avermelhada. Reparei que ao fundo encontravam-se alguns baldes de água. Bebi um pouco, enquanto havia espaço para o fazer.

Num ápice o vagão fica cheio. Sessenta pessoas ou por vezes mais, em cada vagão. Dividir um metro quadrado por duas pessoas era complicado. Toda a gente perguntava para onde íamos, mas não se ouvia nada dos homens de cinzento, só sorrisos.

Toda a gritaria e o desespero desapareceu por completo quando fecharam as portas dos vagões. Um silêncio ensurdecedor vagueava naquele vagão. Não nos podíamos sentar e nesse momento apercebi-me que o espaço tornava-se num bem essencial. Aos poucos, tudo se tornava num silêncio mórbido. Silêncio esse corrompido pelo apito do comboio e pelo embalar do seu motor movido a lenha.

Senti nesse momento um solavanco. Começamos a andar. Estava encostado a um canto e via através das brechas da madeira a paisagem linda e única de Salzburgo. As montanhas que fizeram parte da minha infância, as casas de amigos meus, os caminhos, os rios. Tudo aquilo estava a passar diante dos olhos e mil imagens brotavam do meu subconsciente. Sentia-me impotente perante toda esta situação. Mas pior que tudo isto, era estar saudoso dos meus pais, era estar só.

Capítulo 2

"A viagem"

O deslocar do comboio embalava-me, e o calor que se fazia sentir dentro do vagão tornava-se insuportável. As pessoas mais ao centro não poderiam chega aos baldes de água. A única satisfação era o pouco vento que entrava pelas brechas do vagão.

Seal Martin era um dos homens que se encontrava perto do meu canto. Cantava uma canção a qual eu não conhecia, mas falava das desgraças dos ignorantes e daqueles que não têm coragem. Eu conhecia-o. Era um dos amigos do meu pai. Era uma boa pessoa e muito trabalhadora; era do tipo de pessoas que quando entram na casa de alguém metem a mão em cima da nossa cabeça e dizem que estamos crescidos. Parecia o meu avô, quando aos domingos se reunia em nossa casa e me passava a mão pelo cabelo. Agora sentia a saudade daquela mão calejada pelo trabalho na minha cabeça.

- Filho! – Chamou ele, olhando para mim.
- Sim Martin...

Com um olhar vazio disse-me algo que não percebi naquele momento:

- Todo o Homem morre sozinho.

Esbocei um pequeno sorriso como quem sorri a um velho senil e voltei a olhar pela fenda, pela minha janela. Pensava que Martin estava a ficar maluco, talvez por tudo o que acontecera. Era um homem com uma idade já avançada e sentia um desgosto imenso, pois tinha deixado tudo o que lhe era querido para trás, as suas terras, a sua casa, os seus animais.

Ouvia algumas mulheres a gemer de cansaço, de sede, de raiva. Uma até parecia estar a enlouquecer gritando pelo seu marido. Outros rezavam beijando com custo, por falta de espaço, a Estrela de David que traziam ao peito, ou ao pescoço. Aos poucos via que todos nós nos conhecíamos, mas nesta hora de desespero a solidão tornava-se uma vontade universal.

Aquele embalar foi-me tornando mais calmo, até que adormeci. Durante o meu leve sono apercebia-me das vozes das pessoas e dos seus sofrimentos. Sem nada a fazer fechei a minha consciência e dormi profundamente. Queria acordar em minha casa, na minha cama...

O tempo passou rápido, a noite apoderava-se da paisagem e de todos nós.

Pelas brechas, vi que estávamos a passar por Krems. Mesmo ali estava o grande rio Danúbio, calmo. Pensei que, e pelo andamento da carruagem, iríamos até Viena.

Senti o comboio a parar. Todas as pessoas interrogavam-se sobre tal paragem. Ouvia-se o aproximar de homens, que num ápice abriram as portas.

Começaram a gritar para nós. Eu não conhecia aquela língua, mas pelos gestos frenéticos apercebi-me que era para descer do vagão.

Éramos mais de mil pessoas ao frio. As crianças choravam com fome e a impaciência invadia as nossas mentes. Depois de esperar um pouco apercebi-me do que estava a acontecer. Estavam a tirar os mortos e os moribundos dos vagões. Eram às centenas. Velhos, crianças e mulheres vergavam-se à morte como uma flor à tempestade. Algumas pessoas, talvez parentes, aproximavam-se dos corpos inertes e frios. Rezavam aos seus Deuses, mas as rezas foram prontamente aniquiladas pelos oficiais.

Os meus olhos estavam espantados contudo o que acontecia; foi então que vi uma criança a chorar ao pé de um corpo inerte. Estava somente vestida com umas calças. Toda ela tremia de frio e de medo. Os seus grandes olhos castanhos embebidos em lágrimas, faziam parecer um anjo caído do céu com os olhos brilhantes. Dois oficiais gritavam para dentro do vagão, como perguntando de quem era a criança. Ninguém dissera nada.

Foi tudo tão rápido, ouvi um tiro e o silêncio. O silêncio de mais um corpo, o silêncio de uma vida interrompida pela futilidade de um ser, de uma arma, de uma política. Para mim, este momento marcou o começo da segunda grande guerra.

Sem dó nem piedade, fomos obrigados a entrar nos vagões, desde pontapés a tiros nas pernas, tudo serviu para nos pôr dentro daqueles caixões com rodas.

Agora encontrava-me mais junto da porta. A marcha fúnebre continuava. Uma marcha lenta com um único familiar, o rio Danúbio. Sozinho deslizava suavemente pelo seu leito, acalmando-me. Fez-me pensar que um dia ainda iria voltar a mergulhar naquelas águas límpidas. Hoje ele contemplava a morte, mas quem sabe se um dia não poderia contemplar a minha vida. Aquela criança não me saía do pensamento.

O vagão estava mais vazio, mas nem por isso com menos problemas. Já não comia desde o meio dia e o meu maxilar começava a inchar e a doer-me. Água já não havia. Estávamos a ficar desidratados e extremamente cansados.

Agora podia-me sentar um pouco. As minhas pernas, inchadas, doíam-me. Olhava para o Danúbio pelo postigo, a calma da água, embalou-me. Aproveitei e dormi mais um pouco, talvez pelo cansaço, talvez para esquecer.

Sonhei com tudo o que tinha deixado para trás, desde os meus pais, os quais não sabia do seu paradeiro até uma simples ovelha que eu e o meu pai adorávamos.

Apercebi-me que em tempos difíceis o passado é tudo o que nos resta para alimentar uma esperança.

Dormi cinco horas.

A alvorada foi dada por Martin, que vomitou um líquido incolor.

Olhando para mim disse:

- Polster, não me estou a sentir nada bem.- Dizia ele quase a desmaiar.

Levantei-me rapidamente e ajudei-o a sentar-se no meu lugar. Abri o postigo mais um pouco, para entrar um pouco de ar.

- Respire fundo. Tenha calma, estamos a chegar.
- Eu acho que já cheguei.- Disse Martin, vomitando mais um pouco.

Começou a tremer. Os seus lábios estavam brancos e gretados. A fome e a sede foram mais fortes.

Eram 6:54 da manhã e o comboio parou outra vez. As portas abriram-se de novo. Lentamente saímos e eu contemplei uma placa mesmo à minha frente; a palavra Hungria, com mais de um metro de altura, fez-me pensar que iríamos para o desconhecido, para o medo, pois a partir dali estávamos fora da nossa pátria.

Martin foi retirado como um animal do matadouro. O seu corpo ainda quente foi arrastado por dois guardas durante 70 metros onde se encontrava uma vala. Todos os outros afortunados, os mortos, tiveram o mesmo caminho e o mesmo tratamento.

Antes de reentrar no vagão, vieram umas dezenas de mulheres, fardadas a rigor, com baldes de água e pão. Finalmente pensei que não seria este o dia que morreria. Como quem semeia o milho, o pão foi distribuído da mesma forma. Encontrões e algumas desavenças foram o prato forte. Tudo para ter um mero pedaço de pão. Eu próprio tive de lutar pelo meu quinhão. Não havia pão para toda aquela gente, só os mais fortes e mais novos tinham a agilidade suficiente para disputar uma guerra pelo pão, pela vida. Os baldes de água foram encostados ao fundo dos vagões.

As pessoas devoravam sofregamente o pão. Muitos vomitavam-no, mas e por mais nojo que causasse, engoliam o próprio vómito do chão, pois apercebiam-se que era necessário comer, nem que fosse pedras.

Depois do pequeno almoço, a reza, o obrigado por tudo a Deus. Tornava-se irónico agradecer tudo a Deus.

Todos no meu vagão olhavam para mim, com desconfiança, pois não rezava. Que Deus era aquele que abandonava o seu povo crente? Fiquei com raiva dele, mal vi aquela criança a ser abatida.

Encostei-me à porta que já estava fechada. Abri o postigo mais uma vez. Senti o arranque e olhei para a paisagem.

Passamos por uma vala. Uma vala, simples e comum, com mais de mil corpos em decomposição. O cheiro nauseabundo, quase me fez perder o meu pão. Pensei que até então já muitos comboios tinham feito o mesmo caminho, talvez vindos da própria Alemanha. Uma vala cheia de Judeus.

- São muitos não são?- Perguntou-me um velhote com uma cara simpática.

A sua face e mãos mostravam a sua vida. Uma vida de labuta. Um pouco corcunda, esticou-me a mão. Uma mão engrossada pelo trabalho, pelo tempo.

- Sim são muitos. Porcos dos Nazis.- Respondi eu apertando-lhe a mão.
- Mark.
- Ploster.
- Vens de onde, meu jovem?
- Salzburgo.
- Eu venho de Granz. Gosto muito de Salzburgo, foi aí que conheci a minha mulher. – Disse o velhote com um sorriso, que mostrou o seu único dente.- Ela deve estar num vagão qualquer.
- Espero que se possam ainda ver.

Ele baixou a cabeça;

- Só espero estar vivo amanha. Sabes meu jovem estive na primeira guerra e posso dizer-te que valas dessas já não me assustam. Fui coveiro. Levei mais de cinquenta mil corpos para valas mais pequenas que essas. O conselho que te dou é comeres o mais que poderes e fazer o menor esforço possível, pois um dia podes precisar da força para respirares...

Fiquei impressionado com o que o velho disse e pela maneira não impressionada que ele tinha ao contar tal coisa. Franzi a sobrancelha e mordi o lábio de preocupado. Nunca tinha visto ou estado numa guerra e de repente estou no meio de turbilhão político. Continuava a pensar o porquê do anexo da Áustria à Alemanha e comecei a vislumbrar esse porquê enquanto olhava para o velho Mark a comer o seu pedaço de pão. A Áustria seria o corredor para a Itália, Eslovénia, Hungria e uma amalgama de países de leste. Partilhei com ele o meu pensamento.

O homem retirou do seu bolso um pão inteiro. Partiu-o ao meio e deu-me uma metade.

- És um homem esperto. – Retorquiu ele. - Por vezes o ouro não vale nada. Podes sempre trocá-lo por alimento. Este par de pães custaram-me um anel de ouro, que o meu bisavô me tinha oferecido. – Disse o velho, encolhendo os ombros.

Virou costas e dirigiu-se para outro canto, furando entre as pessoas. No princípio da viagem éramos sessenta, agora simplesmente quarenta. A viagem continuava.

Já a tarde ia alta, quando o frio começava a fazer-se sentir. Sentia as pernas entorpecidas. Já não conseguia pensar; adormeci.

Capítulo 3

"Hungria"

Acordei com o barulho ensurdecedor de um altifalante. Abri os olhos enquanto as portas eram abertas. Saí, e mesmo por cima de mim estava uma placa que dizia Soprón

- Hungria. Nem tinha dado pela passagem por Viena. Aquela claridade quase me cegava.

Estavam mais de cem homens armados e uma dezena de tanques. Os homens não eram alemães, mas sim húngaros. Também eles estavam próximo da anexação alemã, mas certamente ainda não sabiam. Nesse momento só estavam a fazer fretes para os Alemães.

Fomos escoltados por mais de trinta quilómetros por uma estrava de gravilha, os meus sapatos estavam tão gastos que quase sentia estar a roçar com o próprio pé no chão. Muitos, já descalços, com os pés em sangue imploravam para pararem. Mais uma vez a selecção natural fez das suas. Os mais velhos ficavam para trás, baleados ou por muitas vezes triturados pelas correntes dos tanques que estavam sempre a marcar o ritmo atrás de nós.

Dentro de tanta desgraça, tentava ver se os meus pais estavam naquele conjunto de pessoas. Vi Mark e a sua mulher lutando pela vida. Vi mães a choraram com bocados do corpo dos seus filhos nos braços.

O calor austríaco fazia-se também sentir nesta parte fronteiriça da Hungria. Eram aproximadamente 14 horas e o sol fazia ainda mais vítimas. Sem beber há umas horas eu sentia-me a desfalecer. Lembrava-me das palavras do velho Mark. Lutava a todo o custo para chegar não sabia bem aonde.

Os guardas em cima dos tanques, deliciavam-se com água troçando de todos à sua frente. Os outros que nos flanqueavam riam-se, empurrando as pessoas mais frágeis, às vezes chegando-as a derrubar.

Quando estava quase a desistir de lutar, senti uma mão no meu antebraço. Uma mão rechunchuda mas delicada que me empurrava para a vida. Olhei para o lado:

- Não pode desistir agora. Estamos quase a chegar.
- Chegar onde?
- Não faça perguntas, beba isto.- Disse retirando um pequeno saco de plástico com água, do seu bolso.

Bebi sofregamente. Olhei para o lado, agora mais acordado. Era uma mulher de olhos castanhos e cabelo escuro. Tinha um corte na testa.

Continuei a andar durante mais uma hora. Uma hora de tortura. Os meus sapatos, já rotos, dificultavam-me os movimentos. Tinha os sapatos cheios de pedras que me feriam. Não podia parar, pois parar significaria ficar para trás e isso era morte certa.

Momentos depois quando estava mesmo para desistir dessa luta, parámos.

A estrada de pedra juntava-se com uma estrada alcatroada. Na minha frente estavam dezenas de camiões. Fizeram-nos subir.

Num ápice todos nós estávamos a caminho sabe-se lá donde. Nunca mais via o fim da estrada, o fim daquela paisagem constante. Um rapazinho novo perguntou-me se íamos para uma casa coberta de chocolate. Achei-lhe graça. Sua mãe ao seu lado sorriu-me com uma lágrima nos olhos, percebi então que por vezes uma mentira ajuda a superar as futuras dificuldades. Acedi-lhe um sim com a cabeça e um sorriso. O miúdo ficou contente, encostou-se à sua mãe e esboçou um sorriso brincado com os seus dedos. Ainda tinha aqueles olhos cheios de sonhos.

Como nós éramos cruéis, ao ponto de chegarmos a mentir a uma criança. Tudo era utilizado para apaziguar a dor, o sofrimento das crianças. Como era possível assegurarmo-nos que o futuro dos mais pequenos não seria abalado por este trauma, pela guerra? Já há uns tempos que lidava com crianças e aquele miúdo fez-me lembrar, saudosamente, os meus alunos de palmo e meio. Na viagem que decorria pensei em todos eles. Como tinha saudades daqueles diabos.

O meu pensamento foi bloqueado por um olhar conhecido.

- Então! Já está melhor?- Disse-me uma rapariga.

Lembrei-me da rapariga de imediato. Foi a pessoa que me ajudara a continuar a andar.

- Sim, obrigado.- Respondi-lhe.

Ela ficou a olhar para mim, sem dizer uma única palavra, sem esboçar qualquer movimento. Eu também. Apenas embalados pelos pequenos sulcos da estrada, continuamo-nos a olhar. Aqueles olhos castanhos embebiam-me numa paz imensa. Mas o que é bom acaba depressa. Senti uma travagem e acordei desse momento onde o tempo e o espaço foram iguais e foram partilhados por duas pessoas com um simples olhar.

Abriram uma espécie de comporta do camião. Saímos e contemplámos à nossa frente um imenso campo, quase a perder de vista. Com centenas de casernas e com milhares de homens armados. Nunca tinha visto tal coisa até então, e recordando as poucas histórias do meu pai sobre o fim da primeira guerra, relacionei aquele campo a um campo de trabalho. Eu não me lembrava da primeira grande guerra, pois era muito novo, mas lembrava-me bem dessas histórias. Agora com 26 anos via com os meus próprios olhos as descrições do meu querido pai.

Éramos por volta das centenas. Entrámos por um portão de madeira defendidos por duas torres de vigia. Fomos escoltados e encaminhados através de um corredor ladeado por arame, onde se juntavam milhares de pessoas.

Tudo passou pela minha cabeça naquele momento, mas o que realmente senti foi medo. Um medo no seu estado puro, verdadeiro, ao ver os milhares de pessoas vestidas com trapos e alguns gorros onde muitas delas se encontravam descalças e com os pés em ferida. Aquela homogeneidade petrificou-me por momentos.

Ouvi então gritos, olhei para trás e vi algumas pessoas juntos às vedações a chorarem de alegria, de tristeza, pois encontravam familiares no outro lado daquela vedação. Eram pais que reviam os seus filhos, eram avós que reviam os seus netos, eram gentes cujo o amor estava separado por um conjunto de arames.

Os guardas, esses alemães, pela força tratavam de imediato do assunto. Continuamos a caminhada sabe-se lá para onde. Nesse corredor, ouvíamos de tudo um pouco dos vários guardas. Desde porcos judeus, até ao mais ordinário insulto, tudo fazia parte, pelos vistos, de uma espécie de praxe.

Entramos para um descampado que mais parecia um picadeiro.

- Parem! – Gritou um guarda.- Formem filas de trinta pessoas.

Começamos de imediato a equacionar as filas. Reparei que tínhamos formado quinze filas e que uma delas tinha mais dois elementos. Sem dó nem piedade as duas pessoas a mais foram executadas, ao som da frase do guarda: "- Eu disse de 30 pessoas! ". No momento do tiro, senti que todas aquelas pessoas fecharam os olhos como um reflexo natural e com medo de serem as próximas a serem executadas.

- Dispam-se todos.

Ninguém pestanejou, passado poucos minutos, todos nós estávamos nus.

Na frente estavam duas casernas feitas de madeira, da mesma madeira que os vagões eram feitos.

- Têm estas duas casernas para tomarem bando. Seus porcos Judeus todos para o banho.- Disse o guarda disparando um tiro para o ar.

As pessoas dirigiam-se aleatoriamente para as duas casernas. Eu fui para a da esquerda, tal como a rapariga dos olhos castanhos.

O telhado era feito de dezenas de chuveiros e no chão existiam alguns sabonetes, um tanto amarelados.

Fecharam-nos dentro da caserna e começamos a tomar um banho de água fria. Todos nós com algum pudor, tentávamos esconder as nossas partes mais íntimas. O banho foi tomado em silêncio. Um silêncio que durou quinze minutos. Foi a última vez que olhei para o meu relógio, pois a partir desse dia nunca mais funcionou devido à água.

Já ao ar livre e tremendo de frio fomos levados a outra caserna onde se amontoavam milhares de calças, casacos, meias, sapatos, socas e centenas de utensílios. Parecia um grande armazém de retalhos.

Como animais a um naco de carne, atiramo-nos às roupas. Eu consegui uma camisola azul, umas calças castanhas rotas nos joelhos e um par de sapatos de tamanhos diferentes. Parecia um palhaço pobre.

À saída do armazém deram-me uma colher, um prato de sopa e um terço de um pão. Comi vorazmente sem olhar a maneiras. Não me lembrava do tempo em que tivera a minha última refeição.

Encaminharam-nos para uma barraca com camas. A noite estava a começar. Aquela cama com um colchão fino de palha era algo de divinal comparado com o estrado do comboio. Com o meu braço a fazer de almofada dormi de imediato. Nunca me tinha sentido tão cansado em toda a minha vida.

Capítulo 4

"O Campo"

Uma sirene ensurdecedora espalhava-se por todo o campo. Fomos acordados ao som dos cassetetes alemães. Literalmente, fomos escorraçados para fora do dormitório. O dia começou cedo; o sol acabava de emergir das planícies de Soprón.

Obrigaram-nos a formar filas. Reparei num alemão que se dirigia à nossa zona do campo. Com um chapéu extraordinário e uma farda verde escura muito bem tratada, onde os botões de prata reluziam à luz da alvorada. Parou diante de nós com um conjunto de folhas na mão.

Eu contemplava todo o campo. Os outros redutos eram um espelho do nosso. Todos em fila e um homem fardado com uma folha na mão.

Toda a gente estava de cabeça baixa. Começou a chamar pelos nomes de todos nós. Fiquei a saber que todos os outros que no dia anterior se dirigiram para a caserna da direita para tomar banho, tinham tomado banho com gás. O oficial explicou que era uma espécie de selecção natural, pois não poderiam ter pessoas em excesso nos campos.

Chamou por mim e eu dirigi-me a uma caserna onde rapei o cabelo, onde fui visto por um médico e onde me foi dado um número o qual teria de guardar para o resto da minha vida, 3456. Deram-me uma Estrela de David amarela para pôr nas costas com o meu número por debaixo. Outros indivíduos tinha triângulos na posição invertida e de várias cores. Com o passar dos anos já sabia quem era judeu (Estrela de David), quem era homossexual (tinha um triângulo invertido de cor rosa avermelhado), quem era cigano (tinha um triângulo invertido de cor castanha) e quem era político (tinha um triângulo invertido de cor vermelha e com a letra do país impressa).

À saída deram-me o pequeno almoço, só pão. Como tinha acabado de acordar não tinha fome, guardei-o.

Estava um camião na parte de trás da caserna, dirigi-me para ele e sentei-me. Tive uma pausa, à espera de todos os outros que ainda estavam na inspecção. Foi aí que a vi outra vez. Nunca a vi tão bonita. Frágil e de cabelo rapado, ela transbordava charme. Parecia um anjo de olhos castanhos e húmidos. Sentia que estava desorientada pois olhava para todo o lado, com esperança de ver algo, ou alguém. Enquanto se aproximava do camião, segui-a com os olhos.

- Deixe-me ajudá-la. – Disse eu estendendo-lhe a mão.
- Muito obrigada.
- Então como correu?- Perguntei-lhe para meter conversa, enquanto outras pessoas iam enchendo o camião.
- Bem. Pensava que era mais difícil. Qual foi o número que te calhou?
- 3456 e o teu?
- Uma sequência! – Exclamou ela.- O meu é 3460.

O aglomerar de pessoas tornou impossível continuar a conversa. Fecharam a comporta do camião. Senti o camião a arrancar. Tinha sido dito que iríamos trabalhar na conclusão da estrada, na qual já tínhamos estado.

A viagem foi feita em silêncio, pois ao nosso lado estavam dois oficiais e mesmo não armados tínhamos respeito pelas suas presenças.

O trabalho foi árduo, nunca tinha pegado numa picareta para partir pedra, ou abrir buracos. Trabalhávamos das sete da manha às oito da noite, sem comer e muitos de nós, sem beber. Entre pontapés e outros tipos de agressão fazíamos o trabalho. O sol Húngaro era impiedoso às duas da tarde. Nunca pensei que poderia sobreviver àquelas condições, mas a minha vontade de sobreviver era maior que todas as minhas contrariedades. Vi muitas vezes, ao longe, a 3460. À noitinha éramos poucos de regresso, muitos ficaram pelo caminho e outros até fizeram de alcatrão. Sentia uma revolta dentro de mim, um choro que não podia sair.

Exausto, jantei o prato de sopa e o bocado de pão que tinha guardado. Deitei-me com uma tristeza imensa e com medo que este dia poderia ser o meu último. Enquanto todos os meus camaradas rezavam e pediam ao seu Deus para nos ajudar eu limpava as lágrimas com as minhas mãos sujas e doridas, pensando nos meus pais.

Já sem forças para chorar, deixei-me levar pelo cansaço e adormeci.

O novo dia era iniciado pela mesma rotina, a chamada. Nessa manhã foi eleito um *Kommander*, uma espécie de porta-voz da caserna. Esse *Kommander* tinha a responsabilidade de, no recolher, certificar-se que toda a gente estava dentro da caserna, caso contrário a forca seria a sua próxima passagem. Todos os meses mudava o *Kommander*. A minha vez apareceu muito tardiamente e com a experiência e com os erros dos outros, consegui fazer as coisas de modo a não ir parar à forca.

Os dias tornaram-se semanas, as semanas, meses. Reparava que as pessoas envelheciam muito mais depressa que o normal. Não sabia como eu estava fisicamente, pois não me via ao espelho desde a partida de Salzburgo. A 3460 estava fraca e vulnerável a todo o tipo de doenças, sem forças para lutar pela própria vida.

Fazia hoje, 26 de Maio de 1939, nove meses que estava enclausurado neste campo de trabalho. Nesses nove meses apercebi-me de muitas coisas, uma delas a mais séria de todas; “Um homem morre sempre sozinho.” como um dia Seal Martin me tinha dito. Vi milhares de pessoas a chegarem de vários pontos da Áustria, Hungria, Alemanha, com notícias do mundo. A Segunda grande guerra tinha começado e Hitler tinha intenções de neste inverno invadir a Polónia. Na chegada de mais judeus via-me agora no papel dos outros, que anteriormente me tinham observado do lado de dentro dos arames. Via sempre as mesmas expressões de medo, parecendo assim o reflexo de todos nós.

Capítulo 5

“Eva Graz”

Estávamos nesta altura a trabalhar numa pedreira. Carregávamos, às costas, dia a pós dia dezenas de toneladas de pedra em cestos. Sentia-me mais fraco e quase sem forças, mas via 3460 ainda mais agastada com tudo. Como ela estava diferente. Parecia mais velha, mais corcunda, mais magra. Pena é que a parecença é uma realidade num campo de trabalho como aquele.

- Vamos força! – Disse-lhe eu incentivando-a.
- Não aguento mais...- Dizia ela olhando para mim e deixando cair o cesto das suas costas. Aquele olhar vazio como quem olha para alguém e não o reconhece deixou-me perplexo.

Nessa altura apeteceu-me pegá-la ao colo e sair dali para fora. Queria mesmo salvar aquela vida, mas não teria qualquer hipótese.

Os guardas aproximaram-se de imediato eu interpus-me dizendo que estava tudo bem. Ela conseguiu-se levantar e continuar com o trabalho, eu em contra partida fui

molestado de uma maneira que tive se ser carregado no fim do dia como um saco de batatas para cima do camião que nos levaria de volta ao campo.

Fui direito para o hospital do campo, uma casa caiada de branco, talvez a zona mais limpa e bonita de todo o campo. Nunca percebi bem porquê, pois o campo mais parecia um campo de concentração do que um campo de trabalho e em campos de concentração não existiam hospitais tão limpos e bonitos como aquele.

Estive quatro semanas numa cama. O hospital era a melhor parte do campo. Foi-me diagnosticado uma fractura de duas costelas e uma fractura de esforço na perna direita. O conforto do hospital era, para aquela altura, do outro mundo. Dormi com um cobertor e o meu colchão era de farta palha. Apetecia-me ficar ali para sempre. A comida era excelente, pão com fartura e uma sopa com uma batata no fundo.

Foi aí que conheci Matteus, um sujeito muito engraçado, alto e muito magro, com uma característica muito interessante; o seu humor negro fazia rir até o mais debilitado.

- Fazes quantos dias?
- Três semanas, hoje. – Respondi-lhe.
- Então é mais dois dias e estás pronto para a matança. Já estás a ficar gordinho, depois é churrasco contigo. Vais dar uns bons candeeiros e uns belos sabonetes...- Dizia rindo-se.- No fundo, todos nós queremos estar dentro de uma caixa de sabonetes.
- Espero que não, mas se tiver de ser, será. Só espero que não sinta muito a dor.- Dizia eu, entrando na brincadeira.
- Não! Está descansado, morrer queimado não dói...- Dizia ele.

Os dias eram passados em grande harmonia, nem pensava que estava num campo de trabalho. Ás vezes ocorria-me, na minha mente, o número 3460. Perguntava-me se ela estaria bem, se ela estaria viva.

Certo dia, pela manha, o pequeno almoço chegou com um requinte inesperado, uma flor com um bocado de madeira. Na madeira dizia Eva.

De imediato associei o nome ao número 3460. Do nada aparece ela. Como ela estava bonita naquela manhã.

- Espero que melhores depressa. – Disse-me passando com a sua mão, agora, fina no meu rosto.
- Também eu.

Chegou-se a mim e ao dar-me um beijo na cara, sussurrou-me ao ouvido.

- Nunca me disseste o teu nome.
- Michael. Michael Polster.

Sorriu-me e desapareceu. Nessa manha Matteus saiu do hospital. Lembro-me da sua saída. Os médicos adoravam Matteus pelo seu gozo e pela sua humildade. Dois dias depois era a minha vez de voltar para o Bloco K, o meu bloco.

Destes dias, salientei que mesmo na maior das desgraças conhecemos pessoas extraordinárias, entre elas todos os médicos e enfermeiros, dos quais não tive qualquer coisa para dizer mal. Soube que eles eram um pequena empresa privada que tinham sido contratados para aquele campo. Vi com os meus próprios olhos que nem todos os alemães eram frios e fascistas. Saí da minha ala hospitalar com uma muleta e regressava ao meu bloco, pelo meio da desgraça e da morte do meu campo.

Agora no meu bloco sentia saudades do conforto e do meu companheiro de quarto. Mas aquela ansiedade que tinha no meu peito era por Eva e pelos meus pais. Soube que muitos judeus tinham sido enviados para Dachau, na Alemanha, portanto, e com o tempo ia-me capacitando da ideia de nunca mais ver os meus pais. Chorei inúmeras vezes por eles durante as noites no hospital. Lembrei-me de quando me levantava da cama durante a noite e me dirigia para a cama dos meus pais, chorando, por ter sonhado que eles tinham morrido. As saudades que tinha daquelas mãos, da minha

querida mãe, dizendo que ainda era cedo para tal. Dei-me conta que realmente, mãe só há uma e faz-nos falta toda a vida.

Nesse dia, e para meu espanto, não fui trabalhar fiquei no bloco. Não tinha fome, dormi todo o dia e fui, só, interrompido na chamada da noite para a recolha às casernas. Agora a chamada não era só feita na alvorada, também à noite. Cada vez chegavam mais pessoas. O campo estava a ficar atolado de gente, judeus e principalmente ciganos.

O dia começou, para não variar, com a sirene ensurdecedora, que agora, devido ao inverno se encontrava mais rouca. Fizemos a chamada e não nos deram de pequeno almoço. Foi aí que fiz aso a uma espécie de cinta que tinha à volta do peito e troquei-a por dois bocados de pão. Ainda me custava a respirar, mas estava muito melhor com o pão no estômago.

Fomos trabalhar para a pedreira, que se encontrava num abismo humanizado. Entre um carregamento de pedras e a violência dos guardas, vi Eva. Trocámos olhares e sorrisos. Queria beijá-la, mas naquele terror, nem pensava na minha própria vergonha de tal acto, simplesmente era impossível. Por volta do meio dia sentámo-nos todos para beber água e comer pão. Estavam aproximadamente quatro graus negativos, os poucos cursos de água estavam congelados e nós com roupa de verão. Colegas meus tinha a cara e as mãos em ferida. Não tínhamos óleo para por nos lábios e nas mãos, como se fazia em casa, quando ficávamos com cieiro.

Éramos mais de mil e quinhentas pessoas sentadas e sedentas. Foi aí que me sentei ao seu lado. Numa conversa mantida através de sussurros conseguimos falar os dois.

- Então, estás melhor?- Perguntou-me, passando a sua mão pela minha, mas no entanto sempre com o olhar fixo no horizonte.
- Sim, mas... custa-me a respirar. E quando carrego os sacos de pedras dói-me imenso a perna.
- Ouvi dizer que algumas pessoas terão de ir embora deste campo. Isto está a ficar superlotado.

- Não sabia...

A conversa foi interrompida por um apito, estava na hora de voltar à labuta. O trabalho tinha de ser feito e os amontoados de pedras não podiam esperar. O tempo foi passando e as dores também. Cheguei aquele ponto em que nada nos dói, só a alma e esta não nos impede de andar, de trabalhar. Ao fim da tarde, depois de doze horas de trabalho, no camião, trocamos o nosso primeiro beijo. Fechei os olhos e deixei-me embalar pelos lábios dela. Senti-me a flutuar, a tremer, como quem está apaixonado. Aquele beijo depois daquele dia de trabalho, fez-me perceber uma sensação que a minha mãe sempre me quis explicar. Os meus pais trabalhavam muito no campo, de sol a sol, mas aquele beijo que davam todos os dias depois de rezarem à mesa era muito melhor que o dinheiro que recebiam das colheitas. Só hoje percebi esse sentimento. O trabalho nada vale se o coração está vazio. E aquele beijo deu-me forças para continuar a lutar pela vida.

Estávamos de volta ao campo. Uns ficaram pelo caminho, principalmente os mais velhos, pois o sol desta tarde tinha sido devastador. O tempo de inverno na Hungria alternava muito. De manhã temperaturas negativas, à tarde um sol que não muito quente chegava para dizimar os mais velhos.

Antes de me separar de Eva, ela sussurrou-me um plano ao ouvido, para nos encontrarmos à noite. Chegando ao ponto de separação, onde homens e mulheres se separavam para blocos diferentes, pisquei-lhe o olho como dizendo que sim.

Depois de comer a sopa e o pedaço de pão bolorento fui para a caserna. Ouvi a chamada e toda a gente foi dormir. Havia uma saída para o exterior, onde se fazia o contrabando de tabaco e de álcool, a retrete. Levantei a madeira que fazia de sanita e saí por ali. Saí espreitando os vigias lá em cima das torres com uns holofotes potentes. Reparei que no campo não existia nenhum guarda àquela hora da madrugada, só uns feixes de luzes rebuscando o chão.

Fui até ao bloco C, onde se encontrava Eva. Por espanto meu, não foi nada de complicado. Sabia que se fosse apanhado seria morto, mas às vezes as coisas que

fazemos são loucas, principalmente quando entra o amor no meio. Fi-lo inconscientemente, mas soube tão bem.

Atrás do bloco C estava Eva. Ali não se via mesmo nada, só a escuridão. Nem um feixe de luz conseguia penetrar atrás do bloco.

O que aconteceu foi algo de mágico, fizemos amor, amámo-nos verdadeiramente. Chorei e ri com ela. Nunca pensei que fosse possível amar assim alguém. Ofegante, deitei-me no chão frio da cacimba junto a ela. Olhamos o céu. Estava um céu limpo, carregado de estrelas. Parecia que tudo tinha parado, o mesmo tempo e o mesmo espaço foram, mais uma vez, partilhados por nós. Falámos de tudo um pouco. Soube que ela estava a estudar na Alemanha e que só tinha o pai na família. Foi uma noite inacreditável dentro daquele horror.

Começava a clarear e tivemos de nos despedir. Tínhamos a roupa encharcada da humidade. Dei-lhe um beijo e desapareci na neblina...

Capítulo 6

"O adeus"

Nunca tinha acordado tão cedo, eram 5:40 da manhã quando fomos escorraçados do bloco. Meio a dormir caí no chão lamacento. Posemo-nos em sentido e ouvimos a chamada. O *SS* disse que iríamos embora para um campo de extermínio na República Checa. Fiquei com medo quando ouvi a palavra extermínio. Os Judeus e os Ciganos eram num número abismal e tínhamos de ser dizimados porque, caso contrário, o campo de trabalho não teria condições de vigilância por parte dos Nazis. Fomos escoltados mais uma vez, para os vagões. Primeiro mais uma boleia nos camiões pela estrada, agora, asfaltada. Depois uma caminhada até à estação de Soprón. Os vagões eram um pouco diferentes, pois eram de transporte de gado. Tinham o mesmo fim, o transporte, mas agora de pessoas. Lembro-me que

enquanto andávamos entre o arame farpado do campo, olhava constantemente para todos os lados, queria saber onde estava Eva. Não conseguia ver nada, a alvorada repleta de nevoeiro e o número astronómico de pessoas todas vestidas em cores escuras não me deixavam ver nada. Lembro-me que nessa caminhada e sem dar por isso, pedi a Deus que ela viesse comigo. Eu que não era um homem religioso e vi, naquilo que não existia para mim, uma última esperança. Só me lembrava de Eva e da nossa noite.

Andámos um par de horas até chegarmos, de camião, à estação.

Estávamos homens, mulheres e crianças em conjuntos de 100 dentro de um vagão, para uma viagem que seria de dois dias. Encontrava-se um único balde para as necessidades no canto do vagão. Estava com imenso sono e fraco. O comboio partiu e eu mesmo em pé, adormeci encostado ao grupo de pessoas, pensando em Eva.

Sentia que o comboio se deslocava muito lentamente e o som que as rodas nas fendas dos carris faziam, adormecia-me ainda mais. Não tinha dormido quase nada nessa noite, talvez uma ou duas horas.

A primeira paragem foi em Viena. Que saudades senti, quando abri os olhos e contemplei a capital do meu país. Aqueles cinco anos na universidade fez com que ficasse a conhecer Viena como a palma das minhas mãos. Recordei os bons tempos de estudante, os cinemas e os namoricos entre a faculdade e as entradas dos prédios. Que saudades senti naquele momento. Mas agora Viena estava em escombros devido à guerra.

O comboio parou na estação e foram retirados mais uma vez os mortos e os moribundos, parecendo um ritual. Enquanto num ápice os oficiais retiravam os corpos, eu espreitava através das portas à procura de Eva, mas em vão.

Despejaram os baldes cheios de fezes. Deram-nos pão e um pouco de água, para logo de seguida seguirmos viagem. Voltei a atravessar o rio Danúbio em direcção, segundo um guarda na estação, a Praga na República Checa.

Duzentos e muitos quilómetros de devastação em dois dias de viagem. Estava desidratado, tinha a língua colada ao céu da boca. Meio desvairado gritava por água, mas o comboio não parava. Algumas pessoas do vagão disseram-me, depois, que tinha desmaiado. Tinha um cheiro horrível em mim. Tinha sido acordado com o balde das necessidades. Vomitei.

Chegando a Praga, saíram os mortos e os loucos. E nós os tristes, que a todo o custo queríamos ficar vivos, continuámos até Theresienstadt, talvez a nossa última morada. Havia pessoas que num acto desesperado agrediam os guardas só para morrerem pois não aguentavam mais aquela loucura.

Três horas depois de Praga, chegávamos a uma plataforma de desembarque em Theresienstadt. Homens das SS com cães, estavam à nossa espera. O campo era a quinze minutos do local onde me encontrava e logo reparei que para onde íamos era um campo mortal pois, mesmo a vinte quilómetros, o cheiro a cabelo e pele queimada era intenso. Senti mais o cheiro do cabelo, porque o conhecia bem. Quando era mais novo, sem querer, queimei um pouco de cabelo ao meu pai com um maçarico. Lembro-me que me ri imenso, pois vi o meu pai a correr em direcção ao bebedouro do gado, para aliviar aquele calor na água. Parecia um pequeno cometa. As saudades que tinha dessas peripécias...

Capítulo 7

"Theresienstadt"

Entrámos nos camiões que ficaram apinhados de gente, a gritaria de sempre pairava no ar podre. Aquele cheiro a queimado era tão intenso que me fez vomitar muitas vezes. Cheguei a Theresienstadt ao princípio da manhã.

Era dia 5 de Outubro de 1941, já havia passado três anos de sofrimento e agora estava num sitio onde um ser humano deixa de ser um humano e se transforma numa

enxada, num objecto exclusivamente de trabalho. A minha pele estava colada aos meus ossos. Num campo a perder de vista, milhares de esqueletos deambulavam num aglomerado de blocos. Centenas de corpos pendiam nas centenas de forcas que se encontravam ao longo do corredor principal. Ninguém era poupado principalmente as crianças, que sem força para trabalharem e como futuros vingadores do sistema Nazi eram as primeiras a serem aniquiladas sem dó nem piedade.

Tal como no campo de Soprón fizemos, os ditos, testes médicos. Mesmo com os meus 50 quilos passei nos testes, estava operacional para morrer escravizado.

Fui destacado para retirar corpos das câmaras de gás e dos fornos de cremação. Nesse dia estava ansioso para ir dormir na cama de madeira que me esperava, pois o cansaço chegava ao ponto de me entorpecer todo o corpo. Os olhos começavam a arder, parecia que me estavam a fazer a tortura do sono. Estava de rastos, mas mesmo assim ainda coleccionei trinta corpos gaseados e vinte cremados numa vala comum; uma vala, com mais área do que um campo de futebol, recheada com ossos. Aprendi a trabalhar com uma máquina parecida com uma debulhadora, que revirava tudo à sua passagem. Era assim que os corpos nas valas comuns eram organizados de modo a ocuparem o menor espaço possível.

A minha primeira noite estava a começar. O meu jantar fora só água e um pão. Caí na cama, dormi.

No dia seguinte acordei outra vez com o cheiro a queimado. Fomos tomar o banho que não tínhamos tomado no dia anterior, por sorte ou por destino não morri gaseado como outros. Como o lançar de uma moeda ao ar, a escolha dos banheiros era baseada no mesmo sistema. Quando nos encontrávamos debaixo das dezenas de chuveiros, fechávamos os olhos com muita força e pedíamos água. Até nos assustávamos quando ela batia em nós. Do outro lado, ouvíamos a dor, os gritos, o pânico de quem vai morrer gaseado. As primeiras pessoas a morrerem eram quase sempre as mais baixas, as crianças, não pelo gás venenoso, mas por esmagamento. Imagino vagamente, o que devia ser o pânico daquelas pessoas.

Depois da minha passagem pela água da vida, fui retirar os corpos que estavam estendidos no balneário ao lado. Vinte minutos depois da morte, ainda sentia um cheiro intenso e venenoso, que me fazia lacrimejar. Foi aí que conheci os irmãos Frank e Darcy Segal, um de quinze anos e outro de sete. Os três éramos encarregados pela limpeza de corpos do nosso bloco e de mais oito blocos adjacentes. Frank e Darcy tinham estado em Sered na Eslováquia, onde perderam os pais. Frank parecia um anjo, era alto com olhos azuis e um cabelo possivelmente preto. Darcy, o mais novo, era um miúdo muito esperto e também de olhos azuis. Muitos corpos tivemos de carregar no mês de Novembro onde o inverno começava a ser o nosso maior inimigo.

O Inverno começava a aproximar-se a passos largos. Estava à porta mais um inverno rigoroso. Mais implacável que as forcas, que os fornos era o frio de Theresienstadt. Dizimava milhares de idosos. Um dia desses onde o Inverno se tornava impiedoso, os SS pegaram num velho moribundo e penduraram-no numa árvore. Eram já altas horas da manhã e estavam aproximadamente doze graus negativos em Theresienstadt. O velho, nu, foi regado com água fria pelos nazis. Umas hora depois estava morto, congelado. A explicação para tal acto foi dada por um oficial, atarracado e gordo.

"- Ele estava com calor! Parece-me que agora está mais fresquinho."

Às cinco da manha, estavam milhares de pessoas em pé, em frente do pobre homem. Tirámos as boinas e baixamos as cabeças. Começou tudo a rezar. Diante de nós estava um velho, mas mais importante, diante de nós estava a morte da moral. Disse bem alto, que diante de nós estava o Deus que em tempos tínhamos adorado, mas que agora morrera. Pendendo numa árvore aquele corpo parecia uma imagem eclesiástica. Voltei costas e dirigi-me para o meu bloco, pensado como era possível acreditar num Deus naqueles momentos.

Os dias em Theresienstadt foram penosos. Frank conseguia sempre arranjar uma comida suplementar, trocando dentes de ouro que roubava do amontoado de ossos nas valas comuns. Ouro pelo pão, pela vida.

Seis meses depois, já não sentia o cheiro. Estava a trabalhar com os irmãos Seagal na produção de um gás chamado, Zyklon B e na continuação do trabalho anterior.

Devido à minha produção de Zyklon B, as mortes tinham, assim, a minha assinatura e isso revoltava-me. Houve dias que punha as culpas em mim e aquela mão pequenina de Darcy na minha perna a dizer-me para não chorar porque a culpa não era minha, era a minha única salvação.

A produção desse gás revelou-se fatal para Darcy, que muito novo e muito frágil, morrera intoxicado. Foi Frank, sob o sorriso de dois guardas, que levou o seu irmão até à sua última morada. Com uma cara em lágrimas e com uns olhos sem vida fez a caminha arrastando o seu falecido irmão. Chegou à vala, deu um beijo na sua estrela de David e no seu irmão. Ele sentia-se realmente só, sem pais e sem a pessoa que mais amava, o seu irmão, não tinha forças para continuar. Eu completamente abatido não tinha forças para o ajudar. Estava vazio, sem esperança. Depois desse dia parecíamos dois zombies naquele campo. Houve noites que me apeteceu morrer, mas pensava em Eva e isso dava-me forças para continuar mais um dia. Apercebi-me que todos nós pelo desgosto ficamos com as mesmas expressões; a boca sempre semi aberta e com os olhos de quem já chorou um rio.

A 7 de Junho de 1942, transportei o corpo de Frank para o cemitério de Theresienstadt, a vala. Frank não tinha sido gaseado, enforcado ou mesmo queimado vivo. Frank tinha morrido de desgosto. Tentei puxar por ele, mas ele estava muito fraco, não comia pois sentia uma dor imensa na sua alma. Acabava assim a vida de uma família, sucumbindo o seu elemento mais vivo, Frank. Morria uma grande criança, dizimava-se mais uma cabeça sonhadora.

Agora estava sozinho dentro de um mundo esquelético. Sentia saudades de Eva. Imaginava coisas terríveis e pedia, hipocritamente, a Deus que a ajudasse.

A primavera não tinha força para fazer crescer uma só flor no campo de Theresienstadt. Nunca vi estrelas num céu impregnado de um fumo espesso e preto.

Numa noite de primavera os *SS* e os seus cães entraram no meu bloco, cento e cinquenta pessoas incluindo eu, fomos escorraçados até ao corredor principal do campo. Estávamos juntos das forcas. Senti-me com medo, mas no entanto, era aquilo que desejava, morrer. Só pensava que a minha dor iria ter fim. Fomos postos em cima

de uma cadeira. Milhares de pessoas, gritavam: "Tende Piedade! Eles são também humanos!". Entre gritos de misericórdia ouvia as suas rezas. Cada um de nós tinha ao lado um *SS* e um cão. Existia uma suave reacção de todos nós, mas quem podia fazer frente aos SS com cães, com apenas 45 quilos. Parecíamos sacos de cimento a serem carregados.

Puseram-me a corda ao pescoço. Parecia que tudo estava a acontecer muito devagar. Ao meu lado estava uma criança de nove anos a olhar para os lados e a chamar, chorando, pela sua mãe.

- De vocês todos, só cinquenta sairão daqui, para trabalhar numa fábrica de armamento em Plazow. – Dizia o Major do campo.- Que a sorte esteja convosco.

Dizendo isso, cem cadeiras foram retiradas com um pontapé. Estremeci e como quem se afoga, tentei inspirar fundo. Segundos depois tudo tinha acabado. A criança que se encontrava ao meu lado, morreu meia hora depois. Era muito pequena e pesava treze quilos, o seu pescoço não partiu. Ficou na corda a espernear, morrendo assim asfixiada.

Quanto a mim, depois de me tirarem da corda e depois de ter contemplado aquele espectáculo, desmaiei. Quando acordei, estava a caminho de Plazow nos vagões que me eram já tão queridos, pelo menos nada me aconteceria enquanto me encontrasse em viagem.

Uma semana de caminho, a pão e pouca água. Nessa viagem já não havia algum tipo de balde. Parecia uma pocilga. Nunca parámos e não conseguia ver nada pelas brechas dos vagões de madeira. Cheguei a Plazow na Polónia, de noite. Fomos escoltados por judeus, até uma barraca que se encontrava ao longo de uma fábrica. Notei somente num homem, muito bem vestido, de cabelo negro abrilhantado e sapatos de verniz.

A barraca tinha camas com colchões de palha e almofadas. Tínhamos um "banquete" composto por vinho, pão, queijo, e manteiga. Comi até não poder mais.

Não sabia muito bem o que estava a acontecer. Pensei que tinha sido abençoado por Deus, que ele me tinha dado uma oportunidade mostrando assim toda a sua grandeza.

Voltei a pensar muito em Eva e nos meus pais. Nessa noite, vi os primeiros sorrisos desdentados de alguns velhos que satisfeitos pela comida, choravam de alegria, beijando o pão.

Um senhor, baixo e com uma estrela de seis pontas na manga direita do seu casaco, entrou pelo barracão adentro. Desejou-nos boa noite. Nós deitámo-nos e dormimos. Senti Paz, somente isso.

Capítulo 8

"Oscar Schindler"

Fomos acordados pelo mesmo homem que nos tinha desejado boa noite. O relógio que se encontrava dentro do barracão marcava 8:00 da manhã. Vestimo-nos e tomamos o pequeno almoço, leite com café e dois pães com banha.

Com a luz do dia vi melhor a paisagem ainda não destruída da Polónia. Saímos do barracão. Colado a este encontrava-se uma fábrica. Entrámos em fila indiana para uma divisão onde se encontravam dezenas de máquinas. No cimo dessa divisão encontrava-se um escritório onde, ao telefone, um senhor distinto se encontrava a falar. Esperámos mais um pouco. Ele desceu até nós.

- Bom dia!
- Bom dia! – Respondemos, quase em simultâneo. - Retirando as boinas da cabeça.
- Meu nome é Oscar e podem tratar-me como tal. Sou alemão, mas não partilho das ideias do meu partido. Quero ajudar a Alemanha e espero contar com a vossa ajuda, porque no fundo estou também a ajudar-vos. – Disse enquanto se aproximava de nós com um olhar meigo e um sorriso conquistador nos lábios.

Começou por explicar que estávamos numa fábrica de Panelas e como se procedia toda a linha de produção. Eu fiquei no sítio da esmaltagem. Começamos de imediato a trabalhar. Aquela fábrica era uma segurança para todos nós e nada entrava ali, sem a autorização de Oscar, fossem eles das SS ou da Gestapo. Penso até, que Hitler teria de assinar qualquer papel para entrar. Vi naquele homem um ser ambicioso, talvez ganancioso pela mão de obra barata, mas um bom homem. Trabalhámos doze horas, com meia hora de almoço. Depois do trabalho, o banho e depois o jantar. Ás 23:00 estava tudo a dormir.

Dois dias depois fomos registados como trabalhadores da fábrica. Os idosos eram registados como jovens de 30 anos e as crianças registadas como adultos. Advogados, médicos, professores e artistas eram registados como metalúrgicos e mecânicos. Eu fui registado como mecânico. A partir daí reparei que Oscar tinha uma grande influência no mundo político, ele manipulava tudo o que podia.

Algumas semanas mais tardes, chegou uma nova remessa de judeus. Éramos agora duzentos e vinte pessoas. Houve necessidade de alargar o dormitório e assim foi feito. Não sabia onde Oscar ia buscar tanto dinheiro para suportar todos os custos. Com o tempo apercebi-me, quando falei com ele, que ele não via só em nós, judeus, mão de obra barata, mas também pais, mães e filhos. Um dia disse-me; "Um dia que o sonho Alemão acabe, eu serei perseguido de certeza." Tentei dizer-lhe que não, pois tinha protegido muitos judeus. Ripostei dizendo; "Quem salva uma vida, salva a humanidade."

Todas as manhãs, lá estava ele no seu escritório. Descia até nós para nos dar os bons dias. Nunca fui espancado nem mesmo insultado na fábrica, ali todos éramos iguais. Só tínhamos medo quando os SS vinham, à noite até à fábrica fazer uma inspecção. Podíamos, de um dia para o outro, ser postos uma vez mais num campo de concentração ou mortos na frente da fábrica, mas Oscar e os seus dinheiros alemães nunca os deixaram fazer aquilo que eles mais queriam, matar judeus. Esta história

repetiu-se vezes sem conta, até que Oscar começou a dormir no próprio escritório. O suborno era o prato do dia para ele.

Dia 25 de Dezembro de 1942 tive o meu primeiro natal à moda ocidental. Tivemos peru para comer nessa noite. Foi uma noite muito especial. Oscar jantou na mesma mesa que os seu operários e foi nesse dia que o chamei à parte.

- Senhor!- Chamei-o, enquanto ele subia para o seu escritório.
- Sim, Polster. – Acedeu ele. Oscar conhecia toda a gente pelo apelido.
- Gostaria de lhe pedir um favor.
- O quê?
- Seria possível ajudar-me a encontrar uma pessoa? – Perguntava eu olhado para o chão com a minha boina na mão.

Um minuto de silêncio. Ele estava com um ar pensativo. Mas depois perguntou-me;

- Como se chama e onde esteve pela última vez?
- Chama-se Eva Graz e a última vez que a vi foi em Theresienstadt.

Ele olhou para mim e disse-me boa noite. Continuou a subir a sua escada até ao escritório. Pegou no seu casaco preto com uma suástica do partido Nazi na lapela e saiu.

Nessa noite sentia-me feliz, mas ao mesmo tempo preocupado. Tinha muitas saudades de Eva, mas aos poucos resignava-me com uma possível má notícia. Ela estava certamente frágil e não teria muitas hipóteses de sobreviver por muito mais tempo em Theresienstadt.

Dois dias passaram e uma má notícia foi partilhada por todos nós, na fábrica, incluindo Oscar Schindler. A base de Pearl Harbour fora atacada pelos japoneses, aliados da Alemanha. Nessa tarde vimos, lá fora, alguns membros do partido Nazi festejarem esse ataque queimando a bandeira dos Estados Unidos. Ouvia-se boatos que a Itália de Mussolini começava a alienar alguns países no norte de África.

Depois destas novidades, Oscar disse-nos que não sabia até que ponto nos poderia manter no sigílo. O império Nazi crescia a olhos vistos, contra uma URSS e uma Grã-Bretanha que a todo o custo tentava recuperar territórios europeus aos Nazis.

O tempo foi passando. Chegamos a mudar de fábrica, pois as instalações destas estavam a ficar cada vez menos operacionais devido à massa de judeus.

A 2 de Abril de 1943 éramos 1000 operários na nova fábrica a 10 quilómetros de Auschwitz. Agora, e por ironia do destino, fazíamos balas e capacetes para o exército Nazi. Oscar estava quase na bancarrota. Numa Polónia cada vez mais destruída os alimentos eram agora comprados no mercado negro, onde por vezes um pão e um bocado de água custavam muito dinheiro.

Enquanto trabalhava, enraivecia-me ao pintar nos capacetes verdes, aquela maldita cruz suástica. Olhava em redor e contemplava os meus colegas a fazerem o mesmo. Sentia que este tipo de sobrevivência era necessária, tínhamos de nos juntar ao exército Alemão de uma maneira indirecta. Como tal começamos, com autorização de Oscar, a fabricar balas com deficiências, ou mesmo sem pólvora.

Oscar estava farto de todos os hipócritas que reinavam à sua volta. E essa era a sua paga. Estava na altura de tomarmos partido de um Alemão que mesmo apontado de bêbado e um playboy era no fundo um grande Homem.

O começo do verão foi muito difícil, pois o calor polaco foi implacável nesse tempo. A nossa fábrica tinha um tecto feito em alumínio e não existia uma única ventoinha, a água estava muito cara e algumas pessoas mais idosas sofriam de desidratação. Mesmo com o calor não parávamos de trabalhar, pois o exército alemão estava com enormes contingentes de tropas na parte Oriental (contra a URSS) e na parte Ocidental (contra os E.U.A e a Grã-Bretanha).

Os nossos capacetes eram de uma espessura cada vez menor e as balas mais pareciam fogo de artifício. O dinheiro destas últimas remessas de armamento, nunca foi pago, o que fazia com que Oscar se endividasse ainda mais. Todo o nosso conforto e alimentação saía dos bolsos de Oscar Schindler.

Num dia, quando acordei, vi um papel amarelo junto à minha almofada.

" Amigo Polster, tenho novidades sobre Eva Graz. Venha ter comigo ao meu escritório. Oscar Schindler"

Tomei o pequeno almoço e fui trabalhar. Quando ele chegou fiz-lhe sinal com a cabeça e ele disse-me para o seguir. Fomos até o escritório dele. Um escritório muito mais pequeno e mesmo assim mais vazio que o anterior.

Disse-me para me sentar e deu-me uma bebida, uma espécie de licor. Ofereceu-me um cigarro, o qual agradeci. Já não fumava à uns anos e aquele cigarro acalmou-me, para o que aí vinha.

Contou-me que Eva ainda estava viva, mas que no máximo só duraria mais dois anos, pois neste momento ela estava no campo de extermínio de Auschwitz. Disse-me que a tentou trazer par a sua fábrica mas sem sucesso. Auschwitz já não estava dentro da sua jurisdição. Não tinha nenhum poder sobre os patrões daquele campo de extermínio.

Ele disse-me que naquele campo era mesmo o fim de todos e que possivelmente Eva não estaria já nas melhores condições físicas. Tentou-me acalmar. Eu agradeci-lhe o esforço, apaguei o cigarro e saí, voltando assim para o meu trabalho tedioso.

Já estava automatizado a fazer os capacetes e como tal já nem me concentrava no trabalho. Só pensava no que havia de fazer com a informação recebida. Limpei as minhas lágrimas algumas vezes.

Tinha duas hipóteses; por um lado sair da fábrica para morrer num campo junto à pessoa que amava e por outro ficar até tudo acalmar e saber que nunca mais veria aquela face que me tranquilizada e que eu adorava beijar.

Nessa noite não jantei, fui para a cama mais cedo. Os meus colegas faziam as suas rezas e eu bem baixinho pedia a Deus uma pequena luz, porque não me conseguia decidir entre a morte e o vazio.

Um mês depois começava-se a dizer que existia uma favorável reviravolta na guerra. E foi essa notícia que me fez parar e pensar com a cabeça. Fui falar com Oscar.

Pedi-lhe mais uma vez ajuda, mas agora que me colocasse um comboio para Auschwitz. Precisava de encontrar Eva, pois com o coração vazio a cabeça de nada serve. Oscar riu-se para mim e disse-me que pensasse bem, porque certamente eu poderia morrer. Eu não pestanejei e disse que estava decidido a partir.

Dois dias depois, por volta das 4:35 da manhã, Oscar levou-me à estação mais próxima, dei-lhe um abraço e com um gesto lento retirou a sua cruz suástica em ouro do casaco e deu-me, desejando-me boa sorte.

- Sei que a podes trocar por pão.

Eu agradeci-lhe tudo o que ele fez por mim e pelo meu povo. Um guarda chegou perto de mim, abanando a cabeça como não acreditando no que eu estava a fazer. Pegou-me no braço e ajudou-me a subir para o vagão.
Quando o comboio começava a andar olhava Oscar a pôr o seu chapéu e acenado.

Capítulo 9

"Polónia – Auschwitz"

Quanto os *SS* retiravam os mortos e os moribundos do comboio eu entrei. Comigo tinha dois pães uma perna de frango e uma cruz suástica em ouro. Minutos mais tarde, já com o comboio em andamento fechei a porta.

Os 10 quilómetros fizeram-se em poucos minutos. Eram cinco horas e pouco quando estava a chegar ao campo de Auschwitz. Quando passei pela abobada de tijolo da estação do campo, arrepiei-me com o que para lá dela se encontrava; um campo não muito grande com dezenas de blocos, dezenas de fornos crematórios e dezenas de valas comuns. Milhares de pessoas esqueléticas quase inertes andavam pelo campo. Na entrada do campo, mesmo por cima dum portão de ferro, estava escrito; "O trabalho

faz a liberdade". Não deixei de sentir uma certa ironia naquela frase. Ainda pensei que tal como na idade média, a liberdade da alma fosse dada pelo fogo, pela dor.

Fomos conduzidos até um barracão onde se encontrava um médico, o Dr. Mengele. Ao examinar-me e ao reparar no meu número que tinha tatuado no braço, 3456, disse-me que eu estava apto para o trabalho e que já tinha vivido demais. Não conseguia olhar para ele, sentia medo, pois naquele lugar inóspito ele tinha o poder da natureza nas suas mãos, a selecção natural daquele campo.

Enquanto via os outros a tirarem roupa, para posteriormente ser queimada, devorei tudo o que tinha para comer pois sabia que se não o fizesse não ficaria com os meus bens alimentares.

Tive de rapar todos os cabelos do meu corpo para de seguida passar por uma espécie de tanque com um cheiro esquisito. Mergulhei-me e senti um ardor enorme em todo o meu corpo. Posteriormente eu mais cem judeus entrámos numa câmara onde se encontravam os chuveiros. Fechei os olhos e mais uma vez, pedi água. Senti água em todo o meu corpo e senti-me aliviado mais uma vez. Depois do banho continuei a inspecção médica, desta vez a parte de estomatologia. O Dr. Mengele inspeccionou as nossas bocas; eu, por sorte, não tinha nenhum dente de ouro, mas muitos sofreram por terem dentes ou coroas de ouro. Com uma espécie de escopro e um martelo e segurado por três oficiais, Mengele retirava os dentes valiosos, como quem tira uma presa a um elefante, por vezes bocados de ossos saltavam, rodeados pela gengiva. A maioria das pessoas ficavam gravemente feridas e com as infecções acabariam por morrer.

Vi então um saco preto de veludo em cima de uma mesa e quando um dos assistentes despejou o saco vi, milhares ou mesmo milhões de dentes e coroas de ouro. Ele ria-se com as nossas caras de espanto. Fomos mandados para uma espécie de rouparia para escolher a roupa. Eu já tinha alguma experiência e como tal fui à procura de sapatos fortes e roupa quente. Vi judeus a retirarem a roupa de pessoas já mortas, depois juntavam a roupa ao monte que já existia. Foi dum acontecimento desse tipo que fiquei com uma camisola de retalhos vermelhos e verdes, mas quente, porque no verão podia andar de tronco nu, mas no inverno seria importante estar quente. Passei

por compartimentos atulhados de milhões de sapatos, óculos, calças, colheres, cabelos, chapéus e muitos outros utensílios. Enquanto andava até o meu bloco vislumbrava centenas de corpos empilhados e entremeados com lenha, parecendo uma espécie de prato alimentar. Uma fogueira gigante erguia-se num ar carregado de morte e de cheiros horrendos.

Fiquei no bloco G, mesmo em frente a uma torre de madeira, onde se encontravam quatro oficiais armados. Pensei para comigo que seria engraçado eles terem as armas carregadas com as balas as quais eu tinha feito, mas era melhor não arriscar.

Nesse dia tivemos de acabar de construir o nosso bloco, um estábulo repleto de camas de madeira do tipo beliches. Ao fim do dia estava tudo concluído. Tive de pregar cavilhas com os ossos das pernas de cadáveres. Cansado, comi uma sopa como jantar e um terço de um pão muito duvidoso. Fizeram a chamada pelos número e todos ficaram admirados com a "baixeza" do meu número. Sentia-me observado principalmente pelo oficial que fazia a chamada. Minutos depois estávamos a dormir. Éramos poucos no Bloco e tínhamos uma só missão; continuar a manutenção automatizada da morte de Judeus. Levei muitas pessoas para as câmaras de gás. Tudo era pensado numa optimização total. Gastar o mínimo de Zyklon B para matar o maior número de pessoas possível. As câmaras eram muito pequenas, mas tiveram de caber mais de cem pessoas dentro delas. Morriam asfixiadas, eu ouvi-as cá fora a espernearem e a gritarem. Depois entrava eu em acção, retirava os corpos e empilhava-os uns em cima de outros em cima de uma carroça. Com aquele carro de bois, levava-os até aos fornos crematórios. Existiam várias formas de fornos, uns mais pequenos para as crianças e outros maiores para os adultos. Já não tinha sentimentos por ninguém, pois aquilo que fazia era para mim algo de quotidiano.

Conheci um homem muito, muito velho que se chamava Charles Smith, era um inglês que, por acaso, foi apanhado no princípio da guerra. Esteve em dois campos de concentração e agora encontrava-se nesta fábrica de montagem da morte. Disse-me que hoje era o dia mais feliz da sua vida, pois seria o dia onde todo o seu sofrimento acabaria. Foi o último a entrar para a câmara de gás, olhou para mim e sorriu. Um

sorriso de um louco, mas com uma consciência e lucidez de enaltecer. Fechei a porta e em vinte minutos tudo tinha acabado para aquele inglês, que esteve no sitio errado à hora errada e que agora jazia em cima de outros.

Senti pena por ele, mas sentia pena, porque não morria só a pessoa, mas um conjunto de recordações, de amores, de tristezas, acabando assim uma vida de sonhos. Lembrei-me nesse momento dos irmãos Segal. Senti saudades daqueles putos que mesmo no caos conseguiram ver a morte como algo de normal num campo de concentração.

Os dias foram passando. Eu alternava entre os fornos crematórios, as câmaras de gás e as valas comuns.

Estava a aguentar-me, tentando não mostrar fraqueza física, pois se vacilasse ficaria à mercê dos Nazis.

Numa tarde, quase desmaiei, vi ao longe uma mulher de cabelo rapado, era Eva. Senti algo em mim como se fosse uma explosão de amor. Tentei não dar nas vistas, pois existiam mais de mil olhos em meu redor.

Peguei no meu carro de bois com seis corpos em cima e apressando-me tentei ir ao seu encontro. Lá estava ela, linda como sempre, mas muito debilitada. Devia estar a pesar trinta quilos e cambaleava arrastando também o seu carro apetrechado de pessoas.

- Amor! - Disse-lhe continuando com o meu trabalho. - Não olhes, que estamos a ser observados.

Ela olhou de lado para mim e vi os seus maxilares unirem-se com força e libertando uma lágrima de alegria disse-me:

- Eu pensei que...
- Mas estou aqui.- Tranquilizei-a.

Combinei com ela num dos "refeitórios" do campo, à hora do jantar. Era a única altura que os SS nos deixavam falar um pouco.

Nesse dia levei uma família; pai, mãe e dois filhos, para a câmara de gás. O pai tinha uma chave na mão e eu perguntei-lhe para que servia a chave. Ele respondeu-me que era a sua chave de casa. Olhei para ele, para um ser envelhecido antes do tempo e ele retribuiu-me com um olhar vazio, de resignação. Quando tirei os corpos, o filho mais novo estava agarrado à perna da sua mãe. Custou-me mas tive de o fazer; tive de separar aquela criança de 5 anos ainda viva, da sua mãe. A criança, moribunda e muito intoxicada foi queimada viva para gáudio dos Nazis, naquelas fogueiras ao ar livre. Penso que naquela altura nem o ar tinha esse privilegio de ser livre.

Muitos dos sobreviventes dessas câmaras de gás eram fuzilados em fila pelos nazis e mesmo aí era utilizada uma bala para dois corpos. As cabeças bem juntas e depois um tiro. Um tiro seguido de outro e depois doutro, marcando um ritmo naquele campo.

Nessa noite a presença de Eva fez-me esquecer toda aquela morbidez e dor.

Enquanto comia um pouco de pão, disse-lhe para ela se aguentar o mais que pudesse porque a guerra estava a chegar ao fim. Os russos encontravam-se a 150 quilómetros de Auschwitz. A máquina mortuária começou acelerar o processo de execução. As crianças foram as primeiras, pela simples razão dizia um oficial, eram elas que se poderiam vingar mais tarde.

Levei centenas de crianças para as valas comuns, senti-me como um obstetra da morte. Nessa altura comprei a presença de Eva com um relógio de um judeu morto. Nós éramos dos poucos que limpávamos Auschwitz. Num dia quando carreguei nos meus braços mais um miúdo moribundo, ela começou a chorar. De repente tudo acontece um ápice. As sirenes, a meio da tarde, começam a tocar e os *SS* e todos os tropas começam a sair do campo defendendo-se o melhor possível. Vi, então, centenas de tanques com a foice e martelo desenhadas nas suas cabinas. O pânico gera-se, milhares de judeus revoltam-se e Auschwitz fica caótico. Eu estava com a criança que, nos braços acabava por falecer. Eva a chorar sem deitar lágrimas e naquele pranto disse-me:

- Eles tiraram-me um assim.

Não percebi o que queria ela dizer. Começou a abraçar-me. Foi então que percebi. Eu tinha sido pai e o fruto da minha única noite de amor tinha morrido. Pousei a criança no chão. Eu e Eva, de joelhos, chorámos os dois. Ela só dizia que era lindo, mas que o tinham roubado. Estava totalmente debilitada, ao ponto que tive de pegar nela ao colo.

Mais tarde soube que o meu filho tinha nascido sob a batuta de Dr. Mengele, aqui em Auschwitz. Eva tinha uma cicatriz enorme e disforme na sua barriga. Disse-me que só o viu uma vez e que tinha os meus olhos castanhos.

Senti-me mais uma vez só no mundo mesmo rodeado por milhares de pessoas em pânico.

Os Russos derrubaram o muro envolvente de 4 metros, de Auschwitz, mais seis conjuntos de arames farpado. Ocuparam e protegeram o perímetro do campo. Eu a chorar encostei-me a um dos postes de iluminação com Eva nos meus braços. Estava sem forças, pesava 45 quilos, Eva 32. Mesmo ela desmaiada nos meus braços, abracei-a com força e disse que a amava muito.

Teríamos morrido se não fossem os Russos com os seus mantimentos e medicamentos. Tomei uma dose de morfina e dormi um pouco. Eva continuava no meu colo com um olhar distante e vazio.

Senti a maior dor que alguém pode sentir, a morte de um filho.

Capítulo 10

1945, o fim da Guerra

Ouvia-se por aqui e por ali, que a guerra estava a chegar ao seu fim. Os Russos já se encontravam na Europa e os Americanos estavam a ajudar a pôr fim a este flagelo ameaçando lançar a bomba atómica sobre o Japão.

Estava vivo e não sabia bem como. Andava livre pela prisão que foi Auschwitz fazendo um balanço de tudo o que me aconteceu. Aprendi muitas coisas que me fizeram sobreviver por estes lados.

Apercebi-me de pequenos pormenores que me mantiveram vivo até então. Foi importante ser-se o último na aquisição da sopa, pois os últimos ficam com bocados de carne que estão no fundo do caldeirão. A carne é a fonte mais energética num raio de cem quilómetros em qualquer campo de concentração. Roubei centenas de colheres a pessoas mortas, moribundas, para as poder trocar por pão, por água. Comi o que vomitei, pois nada se podia desperdiçar.

Apercebi-me que estava diferente. Já não sentia ódio, só resignação. Aquelas fardas verdes ou cinzentas, já não me diziam nada. Não sentia a dor da humilhação. Vi milhares de pessoas a serem enforcadas, principalmente crianças.

Os ossos doíam-me até ao ponto de eu comer pão com os pulsos. Desejei tanto a morte e no entanto continuei sempre a lutar pela vida, parecendo algo que estava pré programado.

Todas as pessoas que conheci estão no ar. Um ar poeirento e pesado, onde o cheiro a carne queimada predomina.

Foram os Russos os nossos Deuses. O medo invadiu toda a família Nazi. Medo de represálias, mas principalmente, medo de um povo que estava enraivecido.

Ficámos dois meses nas casernas de Auschwitz até os Russos poderem certificar-se que estava tudo operacional para nos mandar de volta. Recuperava o meu peso e a minha cabeça. A dor dentro de cada judeu era tão grande que eu e Eva estávamos

distantes. Os dois meses passaram rápido e com a mesma roupa que me encontrava desde há muito, fui para o comboio e entrei pela última vez naqueles vagões avermelhados. Antes de partir, ainda vi alguns *SS* a suicidarem gritando bem alto o nome do seu pai, Hitler. Estávamos libertos e sem qualquer tipo de guardas a vigiarem-nos fomos embora do campo de extermínio de Auschwitz, o pior campo que algumas vez estive.

Pedi a Eva para vir comigo para o meu país. Amava-a tanto que não imaginaria a minha vida sem ela. Ela sorriu-me com uma lágrima no canto do olho. Não lhe perguntei mais nada de difícil resposta. Já não falávamos há algum tempo, desde que a guerra tinha chegado ao fim, e sentia que iria enfrentar o meu destino provavelmente sozinho.

Ajudei-a a subir para o vagão onde me encontrava. Mesmo um par de meses passados, um cheiro nauseabundo pairava no ar, um cheiro a cadáveres, um cheiro a morte.

Com muito espaço, sentei-me num canto e batendo com a mão no chão, disse-lhe:

- Senta-te aqui!

Ela sentou-se no meio das minhas pernas e encostou-se. Dei-lhe um beijo no pescoço; ela fechou os olhos. O comboio partira. Era Verão e as portas estavam abertas deixando entrar uma brisa. Os dois juntos à porta, abraçados, e arrepiados de vez em quando pela brisa que passava pelas cabeças com pouco cabelo. Senti-me feliz, verdadeiramente feliz. Não foram precisas palavras, nem gestos, simplesmente olhares. Aqueles olhos castanhos cintilantes traziam paz à minha alma.

Recostei-me e fechei os olhos pensando que as coisas seriam melhores daqui em diante. Passámos por regiões totalmente dizimadas, onde tudo era um esqueleto, as pessoas, os prédios. Vi pessoas a chorarem ao verem as suas casas totalmente destruídas. Nunca pensei que a Humanidade vi-se um dia tal horror, um horror que

me tornou menos sensível, mais desconfiado de tudo e de todos. Nunca mais fui o mesmo...

- Não poderei ir contigo para Salzburgo. Tenho a minha família na Alemanha, o meu pai, talvez...

Fiz um silêncio. O que poderia eu dizer? Nada. Um amor em guerra, não tinha a mesma força que o amor familiar. Ela certamente queria saber do seu pai, da sua família. Deixei cair uma lágrima, de tristeza e de resignação. Tinha de compreender. Eu teria de seguir o meu caminho também para ter as minhas certezas. A vida mais uma vez, conseguiu tirar de mim mais uma parte, a parte mais viva que tinha; ela.

Dei-lhe um beijo na cabeça, fechei os olhos e abracei-a com muita força. Senti ela a chorar, um chorar forte mas silencioso.

Fizemos 400 quilómetros em 12 horas. Mesmo não a podendo ter, foram as 12 horas mais felizes da minha vida. Sentado ao seu lado, ou deitado, no silêncio total. Queria dizer-lhe tanta coisa, mas nada saía.

Senti o comboio a parar, estávamos em Praga, na República Checa. Olhámo-nos e em lágrimas despedimo-nos. Dei-lhe um beijo e quando a ajudava a descer do vagão, dei-lhe o endereço do sítio onde eu morava, caso ela mudasse de ideias.

Minutos depois a comboio partira, e ao sabor do vento ia contemplando-a até que a deixei de ver. Nunca me esquecerei, daquele rosto, daqueles olhos humedecidos a olharem para mim.

Agora os nossos destinos bifurcavam-se eu ia para Salzburgo ela para Munique.

Já não comia nada há muito tempo, tirei um pouco de pão que tinha no bolso e comi-o, mas desta vez de uma maneira mais calma. Sentia um vazio imenso, sem qualquer explicação e sentimento comecei a chorar. Parece que finalmente tinha chegado até mim tudo o que passei nestes sete anos. Chorei pelos mortos, chorei pelos meus pais, chorei pela humanidade, mas principalmente chorei, porque só tinha lágrimas e nada mais.

Capítulo 11

1960 – Salzburgo

Aos 47 anos de idade ainda sentia a dor da guerra na minha perna direita. A minha vida não mudara muito, quando cheguei vi uma Áustria sem alma e totalmente destruída. A minha casa, nessa altura, só ficou com o correio em pé na frente dos escombros. Tivemos ajuda dos países aliados para a reconstrução do mundo, um mundo mais pobre e vazio. Morreram 15 milhões de pessoas numa guerra sem nexo. Em 1947 tinha a minha casa novamente de pé, ficando igual ao que era pois queria lembrar para sempre os meus pais e toda a felicidade que existiu, em tempos, naquela casa. Comecei a dar novamente aulas somente em 1952, pois não existiam crianças, até então, em Salzburgo. A guerra tinha dizimado mais de 3 milhões de crianças. Nem mesmo a matemática, a ciência que tanto adorei nos meus tempos de juventude, me fazia feliz.

O tempo foi passando mas as feridas ainda estavam por sarar, principalmente aquela que tinha no meu peito. Nunca mais soube algo sobre Eva Graz; ainda pensei ir à sua procura até Munique, mas não tive coragem, pois não saberia o que havia de lhe dizer. Por vezes, pensava eu, é melhor ficar com uma boa recordação de uma pessoa, que receber o choque de uma mudança.

Estive na Alemanha, em Nuremberg, onde assisti ao julgamento das mais altas patentes, ainda vivas até então, Nazis onde se encontrava o Chanceler Goring. Foram todos condenados à morte por enforcamento exceptuando dois que foram presos perpetuamente. Nesse dia senti vingado todos os Judeus. Senti o que se calhar eles sentiram quando nos dizimaram, aquela sensação de bem estar dado pela raiva e pelo objectivo cumprido. Foi vergonhoso sentir aquela raiva, mas senti um enorme alívio.

Voltei para Salzburgo.

Hoje era o dia 14 de Agosto de 1960 e todas as manhãs de Verão banhava-me no Rio Danúbio que ficava perto de minha casa. Á vinda, passei pelo quiosque, no mercado, onde comprei o meu jornal. Adorava ver aquele mercado, agora cheio de vida.

Naquela altura andava muito a pé e a estrada que ligava a minha casa ao centro de Salzburgo era ainda de gravilha. Enquanto andava pela estrava ia lendo o jornal, às vezes acenava a pessoas conhecidas que passavam de carro. A vida começava aos poucos a voltar à normalidade. Sentia muitas saudades dos meus pais, que só foram trazidos para a Áustria em 1977 para serem sepultados.

Foi então que vi, ao longe, uma pessoa sentada numa mala mesmo em frente ao meu correio. Estava de perna cruzada, com uma saia e com uma blusa branca de riscas pretas, olhando para todos os lados à procura de alguém. Com uma pose muito elegante fixou o olhar em mim, que vinha ainda ao fundo da rua. Vi um sorriso. Fechei o jornal e comecei a andar mais depressa, quando me aproximava sentia o meu coração a querer sair do peito. Cheguei perto; ela de cabelo comprido brilhante e de óculos escuros, levantou-se. Com a mão direita, vagarosamente, retirou os óculos e foi aí que vi, aqueles olhos castanhos e o sorriso que me conquistou.

FIM

" O Amor é uma equação onde não se consegue separar a incógnita do todo."

****

SOBRE O AUTOR E SUA OBRA

Vasco Domingos Veloso Martins Ribeiro, nasceu em Lisboa, Portugal, a 14/07/77. Desde muito cedo descobriu a paixão pela matemática em todas as suas vertentes. Descobriu o prazer de escrever não muito cedo, mas ao começar a ler livros, principalmente, sobre a segunda guerra mundial ficou fascinado como era possível um só homem ter uma força tão poderosa de comando e de poder. Livros como Sem Destino, Nós, A noite, O leitor, A Metamorfose e o Deus das Moscas, foram uma fonte de inspiração. Em 2003, resolveu escrever eu próprio um romance, A Guerra de Michael Polster, para que perdure para todo o sempre essa estreita relação entre Amor, terror e Ódio. Continuará a escrever, pois pensa que a escrita liberta a mente em todos os seus campos.

Jamais esqueceu seu Professor Cristopher Damien Aureta, que sempre o incentivou. Ele, a pessoa mais iluminada de todas. "Por vezes conhecemos pessoas que nos mudam para o resto da vida e eu gostava de certa forma, mudar também alguém como ele me mudou".

Hoje, finalista do curso de matemática em investigação operacional, na Faculdade de Ciências e Tecnologias de Lisboa.

Bibliografia:
A Guerra de Michael Polster;
Mistério em Molduveanu.

E-mail:
vascoribeiro177@hotmail.com

Páginas Pessoais
www.mat21.cjb.net
www.eqdiferenciais.com.sapo.pt/Index.htm